

## DISCURSO DE POSSE NO CARGO DE VICE-REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (19/12/2012)

*Eduardo Ramalho Rabenhorst*  
UFPB, João Pessoa, PB, Brasil

Magnífica Reitora da UFPB, Professora Margareth Diniz.  
Excelentíssimos Pró-Reitores  
Senhores Diretores de Centros  
Estimados colegas professores, servidores técnicos e estudantes.  
Meus familiares e amigos

Para ser grande, sê inteiro:  
Nada teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.

Ricardo Reis

Boa tarde.

Decidi iniciar este breve discurso com o trecho de um poema de Fernando Pessoa, na voz de um heterônimo que me é hoje muito caro: Ricardo Reis. Outrora eu gostava mais de Álvaro de Campos, definido pelo próprio Pessoa como aquele que de modo explosivo “sentia tudo de todas as maneiras”. No momento em que me encontro, de busca de equilíbrio e de compreensão da impermanência que impregna toda a existência, apraz-me exatamente o heterônimo que se move no extremo oposto de Campos: Ricardo Reis, aquele que, nas palavras de Prado Coelho, ama o exato e prega os ensinamentos firmes e nobres que emergem dos clássicos.

*Para ser grande, sê inteiro*, diz Ricardo Reis, *nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa*. Trata-se de um chamado à atenção e ao cuidado ao que quer que estejamos a realizar, seja a atividade mais elevada, seja a mais prosaica, até mesmo um mero passatempo, agindo como as crianças agem, que brincam com atenção plena e muita seriedade. Nada é tão difícil quanto deitar e notar em cada pequena coisa, a mais desprovida de valor, nossa inteira felicidade. A mente, como

dizia Platão, parece sempre com um cavalo indômito que nos puxa para o passado ou o futuro, deixando o presente de lado. Temos sempre o impulso de pensar que tudo virá depois, que um dia seremos felizes para sempre. Desse modo, inconscientemente, somos cativados pela expectativa de que a nossa grande etapa ainda está por vir, de que o que estamos a viver agora é só um ensaio geral para um futuro de perfeição.

Donde nosso comportamento distraído e por vezes até mesmo descuidado. Afinal, por que deveríamos estar inteiros nas coisas? Por que deveríamos nos entregar a cada momento tão passageiro? A razão para isso, diria Ricardo Reis, é que cada instante, cada mínima coisa, é toda uma vida. A vida, ao contrário do que costumamos pensar, não tem esboço nem desfecho. Como um rio, o que a vida tem é curso, fluxo, andamento, destino... Quem senta diante de um rio e se põe a contemplá-lo sabe que ele está inteiro em toda parte, ainda que suas águas estejam em completa impermanência. Quem já cruzou um rio sabe que aqui ou acolá, na parte larga ou na parte estreita, no fundo ou no raso, cruzou sempre o mesmo rio.

Todo discurso de posse, de algum modo, é uma promessa. Escolhi o poema de Ricardo Reis porque ele expressa o compromisso que assumo daqui, pelos próximos anos, com a UFPB. Ser inteiro, estar completamente presente na função que me foi confiada pela comunidade universitária. Procurarei observar esse preceito com disciplina. É possível que eu acerte, que eu tome as decisões acertadas. Porém, é possível que eu erre, aliás, é mais provável que eu erre, pois a gestão pública, de modo especial a gestão de uma universidade pública, tem se tornado uma tarefa muito complexa. Porém, assumo aqui o compromisso que me parece ser o mais importante, já que depende apenas de mim: estar presente, inteiro, completo na tarefa em que me engajei. Tentarei fazer com que meu espírito esteja sempre desperto, que ele não se deixe adormecer pela preguiça ou pela memória, nem se distrair pelo medo ou pelo desejo, conforme preceitua Louis Lavelle.

Minhas senhoras e meus senhores, serei breve, até porque sou avesso à solenidades e principalmente à discursos. Porém, o protocolo exige este pronunciamento, ainda que um vice reitor, como o próprio étimo já explicita, não seja mais que um mero coadjuvante e eventual substituto do reitor, no caso de nossa instituição  $\frac{3}{4}$  e para minha alegria enquanto pesquisador comprometido com a luta feminista e os estudos sobre gênero  $\frac{3}{4}$  substituto e assistente de uma reitora, professora Margareth Diniz, primeira mulher a reger a Universidade Federal da Paraíba.

Por isso mesmo, minhas palavras iniciais são dirigidas à reitora. Palavras de respeito e de admiração, pelo que vivemos juntos neste longo e difícil ano de 2012, mas também palavras de inquebrantável lealdade em relação ao presente e ao futuro. Quero deixar patente nesta solenidade meu compromisso com Vossa Magnificência. Observarei restritivamente o que dizem o Estatuto e o Regimento da UFPB sobre as funções de seu vice-reitor. Procurarei agir sempre com fidelidade, por delegação, tentando responder com máxima responsabilidade e desenvoltura às tarefas que me forem confiadas.

Porém, também estou ciente de uma outra incumbência que me cabe como vice-reitor, que é a de servir como aconselhador, sempre nos limites de minha competência, opinando, fazendo e transferindo críticas e sugestões, debatendo com Vossa Magnificência sobre as dificuldades da

administração, bem como, e isso é ainda mais importante, sobre as soluções a serem adotadas. Sei que Vossa Magnificência saberá ouvir. Afinal, creio que comungamos da mesma opinião sobre o significado daquela máxima de Agostinho de Hipona sobre a função de um aconselhador: prefira aqueles que te criticam, porque te corrigem, aos que te elogiam, porque te corrompem.

Em um livro dedicado ao tema da arte da convivência, Richard Sennet, um dos principais intérpretes da contemporaneidade, aponta que o conviver, especialmente o conviver com pessoas diferentes, é o desafio mais urgente enfrentado pela sociedade civil. A convivência, diz Sennett, é uma arte que envolve o ouvir bem e o mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto. Processo espinhoso, sem dúvida, pois é muito mais fácil e reconfortante estar entre aqueles que pensam como nós, e agir exclusivamente com eles e para eles. Contudo, se quisermos que nossa sociedade prospere, e no nosso caso específico, se quisermos que a UFPB progrida, precisaremos saber fomentar a cada dia a convivência dialógica, especialmente com aqueles que divergem.

O mais fascinante da época contemporânea é o fato de que estamos à beira de um colapso, especialmente quando pensamos no uso de recursos materiais, recursos finitos, portanto. Porém, conforme observa Lala Deheinzelin, nunca tivemos tantas possibilidades de colaborar com os outros, de conectar, recriar, compartilhar e interagir. Paradoxalmente, diante da escassez dos recursos naturais, temos um excedente cognitivo ao nosso inteiro dispor.

Caríssimos colegas e familiares. A julgarmos pelo étimo do substantivo, um reitor tem duas opções diante de si: ser aquele que rege em sentido político, isto é, aquele que dirige e governa, ou ser aquele que rege em sentido musical, como um maestro rege sua orquestra. O desafio do primeiro é ser majoritário. O desafio do regente musical, em contrapartida, é promover uma experiência coletiva: a união (quase milagrosa) de pessoas que praticaram exercícios sozinhas, reuniram-se algumas vezes em ensaios, e que agora, diante de um público, precisam interagir e fazer arte. Não existe um vice-maestro, mas existe o *spalla* (em italiano, “ombro”), responsável por afinar a orquestra, atuar como regente substituto, repassando aos outros músicos as determinações do maestro. É esse ombro, profissional e amigo, que ofereço, estimada reitora.

O discurso de investidura em um cargo é também o momento de agradecimento. Primeiro, quero agradecer a minha tia-mãe, Nilda Ramalho, aqui presente, que me transmitiu, junto com uma família de professoras, a paixão pelo magistério. Docente durante toda sua vida, junto ao ensino público estadual e ao Colégio Marista Pio X, Nilda Ramalho, Tia Nilda, é exemplo do que poderíamos chamar de ética do cuidado e da solicitude. Ética, palavra tão doce quanto falsa em tantos discursos, é na vida dela um permanecer tranquilamente instalado, sem qualquer alardeado. Ela não se diz ética, como muitos, ela o é de modo objetivo. Ela não diz, ela *mostra* em exemplos concretos diários.

Quero agradecer também aqui a um amigo sempre presente, amigo que trago desde os onze anos de idade, professor Armando Albuquerque de Oliveira. Uma amizade fundada em valores, desde a tão longe década de 1980, quando ambicionávamos, ainda adolescentes, determinar livremente o sentido de nossas vidas e mudar o mundo através da ação política, como aliás, qualquer jovem minimamente consciente e decente daquela época ousava sonhar.

Fico feliz e agradeço também ao Dr. Marcilio Toscano Franca Filho, estudante de minha primeira turma de graduação na UFPB, há 22 anos, um dos grandes intelectuais desse país, cujo nome muito honra a nossa instituição mundo afora, e que concilia, de modo inigualável, erudição jurídica e sensibilidade filosófica. Marcílio nunca foi aluno. Sempre teve luz própria, muita luz por sinal.

Ao Padre Paulo Henrique, outro querido estudante que tive no início de minha carreira, que um dia me acolheu no sertão para uma confissão angustiada e assim me consolou, aliás, de modo muito nietzschiano para um sacerdote cristão: *torna-te quem tu és! Esse é teu pior castigo!* Pois é, Padre Paulo, condenado a ser o que sou, tal como Píndaro, estou aqui assumindo o compromisso de cumprir o percurso a que me propus, num evidente embaraço. Quero dizer, amigo Paulo, que sou professor. Exerci muitos cargos na UFPB: coordenador, ouvidor, diretor. Hoje estou assumindo um novo: o de vice-reitor. Porém, tudo isso se move, tudo se altera. Minha única condição permanente é a de professor.

Meus amigos e colegas, quero dizer que não cheguei aqui sozinho ou por impulso próprio. Represento o Centro de Ciências Jurídicas e sua comunidade, principalmente seus antigos diretores, bem melhores que eu. Represento um corpo de professores, agora capitaneado pela Professora Maria Luiza Alencar, a quem também agradeço, tornando público que ela me convenceu da necessidade de abdicar de um projeto pessoal que era o de concluir meu mandato de diretor de centro e fazer um pós-doutorado, preferencialmente em Paris, para aceitar o desafio de abraçar essa candidatura ao cargo de Vice-Reitor, inclusive pondo em risco minha saúde precária. E ela o fez, lembrando que se tratava de uma causa exterior. Afinal, naquele momento eu não era mais Eduardo, mas alguém que deveria assumir uma posição pública de liderança. E quem assume tal posição, para o melhor ou para o pior, já não dispõe de si.

Nesse mesmo dia, também se encontrava ao meu lado uma pessoa muito especial, o Professor Dr. Luciano Mariz Maia, para mim, exemplo de caráter, de firmeza moral e de tantas outras virtudes. A vida me deu imerecidamente muitas coisas boas, mas ter um dia conseguido fazer com que a amizade dele e a atmosfera de luz que o circunda viessem a mim como sombra fresca foi verdadeiramente uma dádiva. Muito obrigado, estimado amigo.

Para finalizar, quero expressar aqui meus sinceros agradecimentos aos professores, servidores-técnicos e estudantes da UFPB, pelos 94,21 % de votos que nos foram concedidos reitora, no segundo turno da consulta para escolha dos nomes para os cargos de dirigentes máximos da UFPB. Aos que enfrentaram o triste boicote antidemocrático e a chuva torrencial naquele dia cinza de maio, e que de modo verdadeiramente livre e autônomo, depositaram tamanha confiança em nosso projeto, dedico o verso do também poeta português Norberto Carriço: “A razão é consistente/ se tivermos a noção/ de que a razão de toda gente/é o principal ingrediente da nossa própria razão”.

Foi precisamente essa razão coletiva, cívica, participativa, que subsidiou a decisão de não recuarmos e de lutarmos também no campo do direito para que o autêntico significado da expressão *autonomia universitária* pudesse prevalecer. Aos muitos que se agarraram à interpretações e práticas não condizentes com suas próprias biografias e com os princípios de um Estado de direito, de cuja

engrenagem o controle de legalidade dos atos administrativos é peça fundamental, e questionaram acriticamente a legitimidade democrática do judiciário, lembro a sentença de Paul Ricoeur de que quanto mais o político é devorado por estratégias a curto prazo ou por interesses particulares ou corporativistas, maior é a necessidade de um árbitro desinteressado.

Ora, não existe administração da justiça sem a figura do advogado. A advocacia não é profissão, é função social. Quero aqui agradecer, entusiasmadamente, a todos os causídicos que sem a cobrança de quaisquer honorários, auxiliaram a candidatura UFPB MAIS e prestaram assim um enorme serviço à continuidade da administração pública legítima e democrática em nossa instituição: aos doutores, Marcelo Weick; Wilson Belchior; Rômulo Palitot, Gustavo Rabay; André Cabral; Nadja Palitot; David Monteiro; Filipe Vilarim e Roberto Leonardo, entre tantos outros que empreenderam e venceram uma luta contra 16 recursos judiciais, inclusive junto ao Supremo Tribunal de Justiça. Esquecendo o passado e dirigindo meu olhar para o presente e o futuro, gostaria de dizer que toda essa luta acabou. Os anos vindouros exigirão um esforço coletivo imenso, pois os desafios a serem enfrentados pela UFPB serão enormes, e alguns deles, ousaria até dizer, serão intransponíveis.

Do ponto de vista global, vivemos uma época de tragédias. E o trágico consiste quase sempre em escolhas sacrificiais. Muito do que se anuncia para o mundo tem a ver com isso. Precisaremos decidir, isto é, cindir, cortar e sacrificar bens valiosos em detrimento de outros. A humanidade vive uma encruzilhada e dela não sairá sem uma mudança de atitude e de valores: mais colaboração menos individualismo; mais transação mais relacionamento; menos passividade, mais empenho; menos infantilismo mais maturidade; menos prerrogativas mais obrigações; mais preocupação menos animação.

O que vale para o todo, vale igualmente para a parte. Para a UFPB, o momento é de reunir esforços; criar pontos de diálogo entre os diversos atores e setores para vencer os desafios que se apresentam. Magnífica reitora, permita-me dizer que não me vejo como um gestor, mas sim como um facilitador ou conector público. Pretendo, nos próximos anos, proporcionar articulação efetiva e principalmente afetiva, com todos aqueles que formam a UFPB. Penso que não basta inventar oximoros tão belos quanto destituídos de sentido. Não basta falar de direitos quando o bem a ser protegido já está definitivamente perdido.

Um dos maiores reptos que se apresenta à gestão pública contemporânea, reitora, é efetivamente dar condições de trabalho aos atores envolvidos, servidores e usuários, pois sem o aperfeiçoamento das atividades-meio não poderemos melhorar as atividades-fim de nossa instituição. Assim, desperdiçaremos o excedente cognitivo que mencionei ainda há pouco. Na outra esteira, o desafio é revitalizar nosso corpo de professores e de servidores técnicos, oferecendo condições de aprimoramento intelectual e profissional, melhorando a qualidade de vida, mas também exigindo a devolução social aos que nos financiam enquanto universidade pública, na forma de trabalho sério e responsável. Pessoalmente, penso que uma universidade não se faz apenas com edificações e equipamentos. Ela é antes de tudo o produto de pessoas, ideias e ações comprometidas com a formação de bons profissionais. Aliás, tão importante quanto formar *bons profissionais*, é

formar *profissionais bons*, nas acepções ética e cívica da expressão, cidadãos que empreguem tempo e conhecimento na construção de uma sociedade equilibrada, sustentável e consequentemente mais feliz.

Os próximos anos serão para mim extremamente desafiadores. Deixo de priorizar a sala de aula, as atividades de pesquisa e a tarefa que mais me agrada na vida, a de escrever e proferir conferências e palestras, antepondo os interesses da gestão da UFPB aos de qualquer outro tipo. Decisão difícil, mas que assumo por inteiro, conclamando ajuda a cada um que aqui se encontra. Na esperança de que dias melhores virão, concluo este breve discurso com uma frase de René Char sobre nosso papel enquanto indivíduos: “O fruto é cego. É a árvore que vê”!

Muito obrigado.